

Nagib Mahfus sobre o caso Rushdie

«O Islão não autoriza a condenar à morte»

KHOMEINI é um terrorista que arrastou para a desgraça milhões de pessoas. O islamismo não autoriza ninguém, muito menos os funcionários do culto que estão metidos na política, a condenar alguém à morte», afirma Nagib Mahfus, Prémio Nobel da Literatura, em entrevista ao Spiegel, que a seguir traduzimos e publicamos. O escritor egípcio aborda o caso Salman Rushdie, mas também o diálogo entre a literatura, a liberdade e a religião nos países islâmicos.

Spiegel — Porque é que os escritores do mundo árabe não protestaram quando Khomeini condenou Rushdie à morte?

Mahfus — A onda de protestos começa agora a nascer em todo o mundo árabe.

Spiegel — Mas há escritores que concordam com a condenação à morte de Rushdie, por se ter publicado os Versos Satânicos.

Mahfus — Evidentemente que existem pessoas que não concordam com o conteúdo do livro por verem nele um ataque ao profeta Maomé. Mas aqui na minha terra, segundo penso saber, ninguém exige a morte de Rushdie.

Spiegel — Terá Khomeini, na qualidade de imã do islamismo o direito de decretar semelhante pena?

Mahfus — Khomeini é um terrorista que arrastou para a desgraça milhões de pessoas. O islamismo não autoriza ninguém, e muito menos os funcionários do culto que estão metidos na política, a condenar alguém à morte.

Spiegel — E, no entanto, o anúncio iraniano agitou todo o mundo e originou manifestações de rua de milhares de muçulmanos.

Mahfus — Khomeini aproveitou-se da ignorância, do analfabetismo das massas. Leva as multidões ao histerismo e abusa delas para acções que nada têm a ver com o Islão. Até agora

Khomeini prejudicou mais o islamismo que qualquer outra pessoa da história da nossa religião.

Spiegel — E, contudo, no mundo islâmico ele é um factor de peso que eventualmente poderá envenenar as relações existentes entre países islâmicos e países não islâmicos.

Mahfus — Não é assim. O fenómeno islâmico não é típico na maioria dos países islâmicos. Até agora, ainda nenhum país adoptou o sistema teocrático do Irão. Se não tivéssemos tanta estupidez e ignorância, ninguém levada a sério Khomeini.

Spiegel — Acha que os media também têm culpa dessa ignorância?

Mahfus — Na realidade, os media não têm sido suficientemente esclarecedores.

Egipto mais livre

Spiegel — Você também é vítima dessa confusão de ideias. O seu livro, As Crianças da Nossa Rua, que teve importância fundamental na atribuição do Prémio Nobel, é proibido na sua terra porque os fundamentalistas islâmicos discordam de si na apreciação que faz do Islamismo.

Mahfus — Esse livro foi proibido em 1959: o Estado acusou-me de caluniar os profetas.

Spiegel — Porque é que nada fez contra tal proibição?

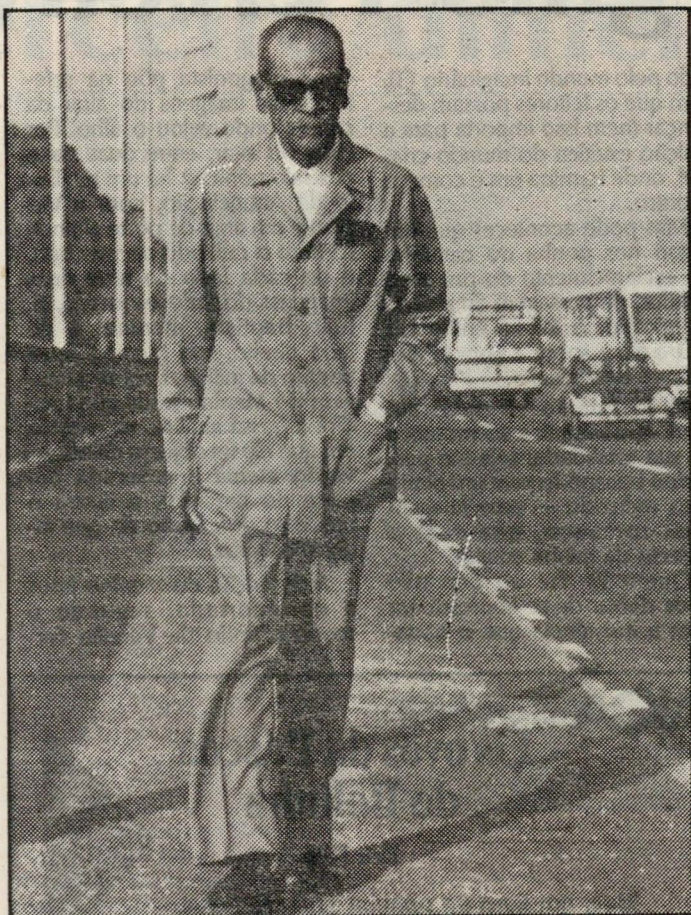
Mahfus — Tentei, mas depois proibiram-me de abordar sequer o tema.

Spiegel — Há 30 anos o Egipto vivia numa ditadura, hoje as suas chances são maiores.

Mahfus — É certo, no Egipto gozamos, hoje, de uma liberdade de expressão que nunca conhecêramos. Trata-se do grande mérito do Presidente Mubarak, para quem a democracia é um problema sério.

Spiegel — E ele ainda não libertou o seu livro da censura?

Mahfus — Oficialmente, a proibição ainda não foi levanta-



Nagib Mahfus salienta que, no Egipto, ninguém exige a morte de Rushdie

da. Porém, tal poderá acontecer de um dia para o outro. Na realidade, o livro ainda não se pode imprimir no Egipto, mas cada ano que passa ganhamos mais liberdade.

Spiegel — Há críticos que afirmam que a Universidade de Azhar, o bastião do islamismo sunita, impede a publicação do seu livro.

Mahfus — O xá de Azhar declarou que a única forma de refutar o livro de Salman Rushdie seria fazer um estudo científico em que se refutassem as

teses do livro, mas nunca aplicar a pena de morte.

Spiegel — A revista dos «duros» que se publica no Cairo, NUR, comparou-o a si com Salman Rushdie. Ficou preocupado?

Mahfus — De modo nenhum. Diferentemente do que se passa no Irão, aqui no Egipto temos um Código Penal. As penas não são impostas pela classe clerical.

Spiegel — Acredita em valores constantes, válidos para toda a humanidade?

Mahfus — Acredito em certos valores, válidos para toda a gente. Evidentemente, cada era sublinha determinados valores que, se exceptuarmos casos pontuais, ajudam a humanidade a progredir.

Spiegel — Acha que a actualidade ajudou a humanidade a progredir? Ou não será que a nossa era, com as crueldades a que assistimos, fez atrasar a humanidade?

Mahfus — A nossa era, apesar de todas as crueldades, fez-nos avançar em frente. Estou a pensar nos direitos humanos proclamados pelas Nações Unidas e que se tornaram numa norma a nível mundial.

Direitos humanos

Spiegel — Os fundamentalistas islâmicos afirmam que os direitos humanos são uma espécie de descarga da civilização do Ocidente e que pertencem ao imperialismo cultural desse mesmo Ocidente. Um célebre editorial egípcio chocou os leitores ao afirmar «que os direitos dos islão estão acima dos direitos humanos».

Mahfus — Vamos falar claro: os direitos humanos nada têm a ver com o «imperialismo cultural» ou a «invasão cultural» de que falam alguns críticos.

Spiegel — Mas é precisamente no mundo islâmico que se ouve cada vez mais a afirmação: «As massas não têm a capacidade de distinguir os valores da sua própria cultura dos

da cultura que lhes é imposta pela Europa.»

Mahfus — Evidentemente que, no fundo, cada pessoa tem a capacidade para fazer essa distinção. É claro que isto está ligado a certo nível cultural. Ora a oferta cultural aumentou muito entre nós, e não se trata de uma conquista dos últimos anos. Digo e repito, entre nós não há vítimas do imperialismo cultural do estrangeiro.

Spiegel — Para um literato muçulmano não haverá condições entre os valores do islão e os do Ocidente, no fundo, a filosofia cristã?

Mahfus — Estamos a perder tempo com subtilezas. No fundo, o que é que está em jogo? Valores e normas de conduta. Se eu me pergunto a mim mesmo, «que pretendo eu?», a resposta será: não pretendo importar cultura europeia nem aceitar unicamente a herança dos meus valores pátrios. Antes de tudo, procuro melhorar a condição humana.

Spiegel — Mas os ultras do islamismo não pretendem estoriar esse esquema mental que definiu?

Mahfus — A religião sempre desempenhou papel de relevo entre nós. A religião permite o acesso às massas, sempre foi assim desde tempos imemoriais. Mas o que toca as raízes do extremismo religioso e da intolerância sem limites não influencia religiosamente as massas — é um dado histórico facilmente comprovável.

Spiegel — Se isso fosse verdade, o islamismo militante dos dsúltimos tempos começaria, mais tarde ou mais cedo, a perder força e influência.

Mahfus — Exactamente. O panorama a que assistimos ac-

tualmente consiste numa reacção às derrotas militares e às difíceis condições de vida. Tais factos constituem o tema dos meus romances.

Spiegel — Mas a reacção islâmica está a ser muito dura. A Sharia, o sistema judicial do islão, não acabará por liquidar a tolerância e as ideias liberais que defende nos seus livros?

Mahfus — Não se trata da alternativa Sharia, sim ou não. O que está em jogo é saber como é que a Sharia se desenvolveu, como é que ela actualmente actua, dado que ela faz parte do islamismo. Na Andaluzia, o islamismo foi muito mais progressista que a jurisprudência dos reis cristãos. E a era de ouro dos judeus nasceu e desenvolveu-se no islamismo hispânico.

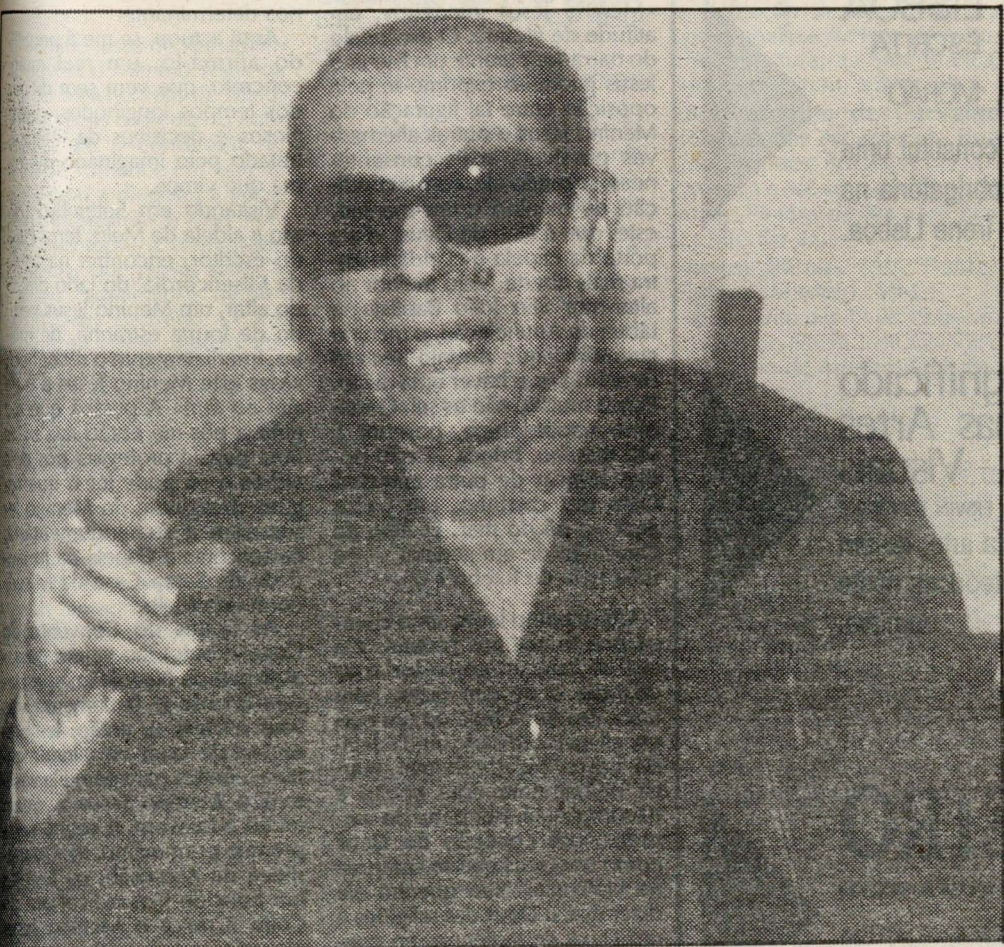
Spiegel — Mas os actuais defensores da Sharia têm objectivos muito menos tolerantes.

Mahfus — Há mil anos que a interpretação não avançou. Porém, bem vistas as coisas, a Sharia deverá adaptar-se aos tempos que vivemos. Por exemplo, ela não admite diferença entre cristãos, muçulmanos ou judeus. Se os princípios do islão forem devidamente interpretados, eles nunca poderão contrariar o progresso e o espírito dos tempos que vivemos.

Spiegel — O islamismo admitirá as democracias parlamentares ocidentais, os sistemas pluripartidários?

Mahfus — A democracia é o melhor sistema político que os homens inventaram. Evidentemente que as estruturas democráticas são compatíveis com a nossa religião.

(Exclusivo Der Spiegel-DN)



Para este galardão com o Prémio Nobel da Literatura, Khomeini prejudicou mais o islamismo que qualquer outra pessoa da história dessa religião

ACABA DE SAIR O N.º 79 DA REVISTA

COLÓQUIO/artes

Director: José-Augusto França
Director-adjunto (Música, Bailado):
Carlos de Pontes Leça
Edição da

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Roberto Pontual

OS ANOS 50: DA RUÍNA À UTOPIA

Jean-Clarence Lambert
SUGAÏ: LES BLASONS DE LA MARIÉE MÉCANIQUE
Luiz Carlos de Brito Rezende
STELLA OU O CORPO-A-CORPO PICTURAL

Gérard Le Coat
VENISE ARCHITECTURALE DES DEUX DERNIERS SIÈCLES

Antón Castro
AMORIM: DESCUBRIR LAS IMÁGENES
EN LA DISTANCIA DE UNA SUPERFICIE CELULAR

José-Augusto França

BIENNALES ET FOIRES: MORALE ET MARCHÉ

Didier Arnaudet
ILEANA SONNABEND: HISTOIRE D'UNE PASSION

João Paes

«OS CANIBAIS»: UMA ÓPERA FEITA PARA O CINEMA

A. Rodrigues; Ch. Matossian; R. Pontual
CARTAS DE LISBOA, DO PORTO, DE PARIS

84 páginas — 350\$00

A VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS
DISTRIBUIÇÃO E ASSINATURAS

NOBAR — Grupo Editorial, Lda.

Rua da Cruz da Carreira, 4-B — 1100 LISBOA
☎ 57 00 51
Rua do Zambeze, 404 — 4200 PORTO
☎ 81 70 66

Fanatismo iraniano põe em risco relações com Londres

Sentença de Teerão condenada sem reservas

Vivo «protesto» de Londres, norte-americanos «aterrorizados», o Parlamento Europeu «horrorizado», a França «chocada»: o apelo à caça ao homem lançado pelo «ayatollah» Khomeini contra o britânico Salman Rushdie, autor dos «blasfemos» «Versículos Satânicos», sacudiu a opinião pública mundial.

O LÍDER ISLÂMICO encontrou, mesmo, um potencial executor da sua sentença. Trata-se de Salman Ghaffari, embaixador do Irão no Vaticano, que confessou estar pronto a matar Rushdie, caso este surja ao seu alcance.

O ministro da Economia do Governo de Teerão, por seu turno, lançou na Malásia um apelo a uma acção comum de todos os muçulmanos contra o romancista britânico. E, em Nova Deli, um grupo iraniano ameaçou fazer explodir «todos os aviões do Reino Unido que sobrevoem a Índia até que Rushdie saia do seu esconderijo», entretanto, fortemente policiado.

O Governo britânico qualificou ontem de «totalmente ina-

ceitáveis» as ameaças iranianas, julgadas «incompatíveis com as relações normais entre os dois países», as quais foram restabelecidas bem recentemente.

Nos meios políticos, jornalísticos e intelectuais de Inglaterra a emoção é grande. O escritor Anthony Burgess, em editorial de *The Independent*, considera que a «insolência» do «ayatollah» é um «insulto ao Islão». O *The Sun* preconiza «o gelo puro e simples» de todas as relações com o «maníaco homicida» Khomeini.

Ponto alto das condenações constitui a renúncia do ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, Hans Van Den Broek, em concretizar uma agendada visita ao Irão.

Se se exceptuar a Grã-Bretanha, nos meios intelectuais ocidentais nenhuma «voz sonante» se ergueu a comentar o apelo ao assassinio de Rushdie.

As ameaças iranianas ganharam efeito, particularmente, junto das editoras livreiras. Apenas o italiano Mandadori apresta-se a correr o risco de publicar, em versão italiana, os *Versículos Satânicos*. Na RFA e em França, os editores anunciaram o adiamento da publicação.

No Irão, o clero sunita mani-



Jornalistas passeiam-se junto à residência londrina de Rushdie. O paradeiro do romancista, no entanto, só a Polícia o sabe (Telefoto Lusa-EPA)

festou o seu apoio ao decreto de condenação à morte de Rushdie, e uma «jornada de protesto do mundo islâmico contra o complot americano e as ofensas aos valores sagrados do Islão» será observada hoje por todo o país.

Discordância

O teólogo islâmico Hossam El Din afirmou que o «ayatollah» Khomeini errou ao ordenar a morte de Salman Rushdie, sem primeiro lhe dar a oportunidade de se «arrepender».

Em declarações no Cairo, Hossam El Din, membro do Centro de Teologia Al Azhar, criado há 1013 anos, argumentou que, à luz da jurisprudência islâmica, era «virtualmente impossível» executar Rushdie.

Em 1350 anos de história do Islão, nunca ninguém, segundo o teólogo, foi executado por «apostasia», o crime de que, em sua opinião, Khomeini acusa Rushdie.

Contra a ordem de Khomeini, manifestaram-se, entretanto, vários outros dirigentes de organizações islâmicas.

Dawad Assad, presidente do Conselho de Masajid, dos Estados Unidos, considera que o livro de Rushdie é «uma porcaria», mas não concorda com a condenação do autor à morte.

Excertos do livro que está a provocar a ira de Khomeini

O sonho maldito do romance blasfemo

AS PASSAGENS do livro *Os Versos Satânicos* que os críticos muçulmanos acusaram de blasfemas referem-se a uma figura chamada Mahound, alguém que consideram nada menos que uma representação perversamente disfarçada do profeta Maomé.

Mahound surge no livro apenas como uma personagem que faz parte dos sonhos de outra. Esta personagem, Gibreel Farishta, sofre da ilusão de que é de facto o arcanjo Gabriel, e, mais tarde, reconhece que se encontra psicologicamente doente.

Nos sonhos de Gibreel, Mahound é um homem de negócios que se tornou profeta e que está a tentar converter a cidade de Jahilia, uma cidade «feita inteiramente de areia»:

Por recomendação de Abu Simbel, os governantes de Jahilia deram à sua prática religiosa o sabor tentador do profano. A cidade tornou-se conhecida pela sua licenciosidade, como antro de jogo, casa de mulheres, um lugar onde as canções «ligeiras» soam alto e bom som, sem qualquer pejo... num mundo a que Mahound quer levar a sua mensagem: uma única mensagem, entre tantas outras, parece algo perigoso.

O título do livro de Rushdie refere-se a um incidente na vida de Maomé, registado pelos primeiros historiadores árabes e mais tarde posto em causa por posteriores especialistas em temas do Corão.

O incidente diz respeito ao recurso de Maomé a três deusas pagãs para ajudar a sua causa e ao seu subsequente repúdio deste facto como tendo sido inspirado pelo demónio. No sonho de Gibreel, o profeta Mahound da história tem uma experiência semelhante. Depois deste «repúdio dos versos satânicos», Mahound regressa a casa e encontra a mulher morta.

Mahound, só e dominado pelos pensamentos na sua casa vazia, dá o seu consentimento, e os fiéis partem para fazer planos. Khalid, o aguadeiro, detém-se e o profeta de olhar vago espera que ele fale.

«Desculpa se me enganei»

Estranhamente, diz:

«Mensageiro, não acreditámos em ti. Mas foste mais esperto do que pensámos. No princípio, dissemos, Mahound nunca aceitará, mas tu aceitaste. Depois pensámos, Mahound traiu-nos, mas tu trazias-nos uma verdade mais forte. Tu trouxeste-nos o Demónio em pessoa, de modo a podermos testemunhar as obras do Mal, e a sua vitória pela razão. Tu tornaste maior a nossa fé. Desculpa se me enganei.»

Mahound afasta-se da luz do sol que entra pela janela. «Sim.» Amargura, cepti-



Salman Rushdie (Telefoto EPA/Lusa)

cismo. «Foi magnífico o que fiz. Uma verdade mais forte. Trazer o Demónio. Sim, é mesmo de uma pessoa como eu.»

A acreditar nos muçulmanos, o Corão é aceite como sendo a palavra de Deus. Pelo contrário, Gibreel sonha que o profeta Mahound é vítima de um escriba desleal (de nome Salman, exactamente como Rushdie), que desvirtua o significado das palavras. Numa passagem, Salman, o escriba da ficção, lembra o que fez. Reescrever o livro.

«Pequenas coisas a princípio. Se Mahound referia um verso em que Deus era considerado como estando em toda a parte, vendo tudo, eu escrevia, vendo tudo, sabendo tudo.»

«Aqui é que está: Mahound não reparava nas alterações, e ali estava eu, realmente escrevendo o livro ou reescrevendo, pelo menos, contaminando a palavra de Deus com a minha linguagem profana. Mas, santo Deus, se não se distinguia a minha triste "prosa" da revelação do mensageiro do próprio Deus, então que mal há nisso? Que tem isso a ver com a qualidade da poesia divina?»

«Posso garantir que fiquei profundamente abalado. Uma coisa é ser um grande malandro e de certo modo desconfiar de que há um engano, e outra é descobrir que se tem razão. É preciso ver, a minha vida mudou por completo por causa de uma pessoa.»

«Deixei o meu país, corri mundo, estive entre gente que me tratou como um simples estranho cobarde, por os poupar, que nunca apreciaram o que fiz, mas não tem importância. A verdade é o que eu esperava quando alterei esse pequeno pormenor, sabendo tudo em vez de estando

em toda a parte — o que eu pretendia — era dar tudo a ler ao Profeta. E ele diria, que se passa, Salman, não está a perceber?»

«Oh! Oh Deus»

«E eu diria: Oh! Oh Deus, enganei-me, como foi possível, e corrigia. Mas isso não aconteceu; e agora eu estava a escrever a Revelação, e ninguém notava, e eu não tinha a coragem de o assumir. Fiquei morto de medo, posso garantir: estava mais triste que nunca.»

«Assim, era preciso continuar. Todos se podem enganar, pensei, ele nunca se enganaria? Por isso, de outra vez, mudei algo mais importante. Ele disse cristão, eu escrevi judeu.»

«Ele havia de reparar, de certeza; porque não? Mas quando lhe li o capítulo ele acenou com a cabeça e agradeceu-me delicadamente, e eu saí da sua tenda com lágrimas nos olhos. Depois disso, percebi que os meus dias em Yathrib estavam contados; mas não podia deixar de continuar.»

«Era preciso. Não há ninguém mais amargo que uma pessoa que descobre que acreditava num fantasma. Eu cairia, sabia, mas ele também. Assim, continuei com os meus actos demoníacos, a mudar os versos, até que um dia eu lhe li os meus versos e vi-o torcer o nariz e abanar a cabeça como que para pensar melhor e depois acenar em sinal de assentimento, lentamente, mas com algumas dúvidas. Eu sabia que tinha chegado ao ponto limite e que da próxima vez que reescrevesse o livro ele acabaria por saber tudo.»

As 12 mulheres

Entre as acusações que os críticos muçulmanos fizeram a Rushdie, está o facto de ele ter apresentado as 12 mulheres do Profeta como sendo prostitutas num bordel. A passagem em causa refere-se na realidade a um grupo de prostitutas, a quem deram os nomes das mulheres de Mahound, numa espécie de conjura:

Manter o segredo.

Quando a notícia foi conhecida em Jahilia, que as prostitutas tinham assumido a identidade das mulheres de Mahound, a secreta excitação dos homens da cidade foi enorme; no entanto, recearam de tal modo o facto não só porque poderiam perder a vida se Mahound e os seus ajudantes-de-campo viessem a descobrir que estiveram implicados em semelhantes irreverências, mas porque estavam interessados em que este género de actividades se mantivesse, que as autoridades não soubessem a verdade.

(DN/New York Times)

Militante socialista provocador nato

SALMAN Rushdie, o escritor maldito, para o Islão, pelo seu último romance, *Os Versos Satânicos*, é um provocador nato, elemento activo, juntamente com Harold Pinter, de um círculo de intelectuais de esquerda anti-Thatcher.

Aos 42 anos, Rushdie é um autor consagrado, que, ao ganhar o Prémio Booker, com *Os Filhos da Meia-Noite*, conseguiu ser reconhecido em todo o mundo.

Tendo nascido, em 1947, em Bombaim, Índia, de uma família muçulmana, Rushdie é, no entanto, um produto acabado da sociedade britânica, cujas prestigiadas escolas de Rugby e Cambridge frequentou na adolescência.

Renunciando à sua religião, Rushdie não esqueceu a infância, passada entre muçulmanos, e usa muito os seus conhecimentos do Islão nos romances que escreve.

Os amigos de Rushdie, que acabam de pedir ao Governo britânico que resista às ameaças do *ayatollah* Khomeiny, encontram-se regularmente em casa de Lady Antonia Pinter, para trocar opiniões.

Sempre pronto a denunciar a sociedade thatcherista, socialista activo e denunciando o racismo e a intolerância, a primeira reacção de Rushdie à polémica suscitada pelo seu livro foi dizer que devia ter ido mais longe na denúncia do fanatismo religioso.

Em entrevista ao *Daily Express*, na quinta-feira, afirma:

«Os Judeus e os cristãos podem agora fazer humor a propósito da sua religião. Mas os imãs não têm sentido de humor. Se Woody Allen fosse muçulmano, hoje seria um homem morto.»